

Construções condicionais proverbiais: uma abordagem sociocognitiva da questão da composicionalidade

Izabel Teodolina de Jesus (UFJF)¹
Neusa Salim Miranda (UFJF)

Resumo

Este presente estudo descreve a rede de construções condicionais universais do tipo [Quem P, Q], explicando-a a partir do princípio cognitivo da mesclagem, capaz de amalgamar heranças de múltiplas construções, dentre elas as condicionais universais proverbiais. Discute ainda o caráter regular e produtivo dessas construções idiomáticas.
Palavras-chave: Idiomaticidade; Composicionalidade; Construção proverbial; Projeção; Mesclagem.

Introdução

A descrição e análise das *construções condicionais universais proverbiais* do tipo [Quem P, Q] pretende ser um endosso às discussões travadas no seio da Linguística Cognitiva (doravante LC) que, fundamentalmente, sustentam a multidirecionalidade dos processos de significação

das construções lingüísticas, contrapondo-se à **hipótese forte da composicionalidade** que concebe o significado de uma expressão como resultado da *soma* dos significados de suas partes. Nesses termos, a postulação de redes de integração conceptual (*blending*/mesclagem), rompendo com a tradição formalista linear, vai permitir que frases idiomáticas possam ser vistas como um dos nós de uma ampla rede de construções, e não mais como exceções alijadas do sistema.

Postas nesse enquadre, nossas análises postulam uma rede de construções em que os idiomas frasais proverbiais se integram, depreendendo-lhes o caráter de regularidade, analisabilidade e produtividade, configurado em três níveis: *idiomas abertos* (“Quem mora perto de rios, corre risco de inundações” – declaração usual), *semi-abertos* (“Quem bate cartão, não vota em patrão” - *slogan* político) e *formulaicos* (“Quem semeia vento, colhe tempestade” - provérbio). A essas complexas operações de integração conceptual e formal dos idiomas é atribuído o *status* de pistas do poder imaginativo e projetivo da mente humana, revelado na linguagem.

1 Pressupostos teóricos

As construções condicionais universais proverbiais são analisadas à luz da **Hipótese Sociocognitiva de Linguagem – HSC** – (SALOMÃO, 1999) que abraça teorias cognitivistas da linguagem nos termos de Lakoff (1980, 1987), de Turner (1996), da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994) e da Gramática das Construções (doravante GC) (GOLDBERG, 1995; MANDELBLIT, 1997). Enfatizando o contexto como constitutivo dos processos de significação, ancora-se nos estudos da interação verbal realizados por Gumperz (1982), Goffman (1998) e Clark (1996).

A partir da Teoria dos Espaços Mentais, o fenômeno da integração conceptual vem sendo tratado de forma dinâmica, processual, considerando-se categorias cognitivas como *MCI*s e *molduras comunicativas, espaços mentais* (doravante EM), *projeções* e *mesclagem, metáfora* e *metonímia*. Pela Gramática das Construções, Goldberg (1995) postula a integração em termos de relações de motivação e herança entre múltiplas construções. Um outro processo cognitivo mais dinâmico – a mesclagem de estruturas complexas para formar uma *construção* – é postulado por Turner (1996), Mandelblit (1997) e Salomão (2002). Na combinação de postulados, a HSC aglutina **forma** e **sentido** (semântico-pragmático), relevando o discurso efetivamente atestado.

1.1 A teoria dos espaços mentais e o poder projetivo do pensamento e da linguagem

Uma hipótese básica da Teoria dos Espaços Mentais consiste na sustentação de que o princípio nuclear da cognição humana corresponde à **projeção entre domínios**.

Como **domínios**, entendem-se bases de conhecimento, envolvidas nos processos de significação, definidas a partir de duas naturezas: domínios *estáveis* e *locais*.

Os domínios *estáveis* são estruturas de memória pessoal ou social, isto é, são conjuntos de conhecimentos culturais e sociais estruturados, sobre situações (*viagem, jogos, rituais ...*). Uma subcategorização de tais domínios implica o seguinte quadro (SALOMÃO, 1999): *Modelos Cognitivos Idealizados MCI*s (estruturas que organizam nosso conhecimento); *Molduras Comunicativas* (conhecimento operativo que identifica a natureza da interação) e *Esquemas Genéricos* (esquemas de conceitos configurados de forma mais abstrata).

Os domínios *locais* operam o processamento cognitivo, respondendo pelo fluxo discursivo na memória de curto prazo. São suscitados por marcas lingüísticas e contextuais, enquanto pensamos e falamos. São chamados **Espaços Mentais (EM)**. Os “espaços mentais são os domínios que o discurso constrói para prover substrato cognitivo ao raciocínio e à interface com o mundo” (FAUCONNIER, 1997, p.34).

A Teoria dos Espaços Mentais confere às **projeções** ou integrações de domínios de diferentes naturezas um relevo especial. Nesse enquadre, o processamento cognitivo implica, necessariamente, projeções multidirecionais intra e interdomínios e tal operação é responsável pela integração e dinamicidade de nosso conhecimento, pela renovação, pela criatividade do pensamento e da linguagem.

A afirmação do processo de construção de significados pela integração de domínios tem levado a novas e desafiadoras postulações acerca da natureza projetiva e imaginativa da mente humana.

Turner (1996, p. 4-5) postula a imaginação narrativa como atividade fundamental da cognição, indispensável à racionalidade.

“A **imaginação narrativa**, isto é, a história, é o instrumento fundamental do pensamento. As capacidades racionais dependem dela. Ela é nosso modo chefe de olhar o futuro, de predizer, de planejar e de explicar. (...) A **projeção** de uma história em outra pode parecer exótica e literária, e é, mas é também, como a história, um instrumento fundamental da mente. É uma capacidade literária indispensável à cognição humana.”

De acordo com esse postulado, as diversas histórias construídas pela experiência corporal e social (“proto-narrativas” de deslocamento no espaço, de manipulação de objetos) são projetadas e formam domínios conceptuais básicos para a construção dos significados. O autor propõe que a mente humana desenvolve, então, uma atividade diária e fundamental que é **a projeção de uma história em outra**. Essa capacidade projetiva e imaginativa é chamada **parábola** (concentração de muitas informações em pouco espaço), que se institui a partir do seguinte “padrão” mental: *predição, avaliação, planejamento e explicação*. Estes elementos definem a função pragmática das construções proverbiais do presente estudo.

Uma evidência de nossas projeções parabólicas diárias, destacadas pelo autor, são os **provérbios**, os quais “*apresentam uma história condensada e implícita que será interpretada por meio de uma projeção*” (TURNER, 1996, p.

4-6). Assim, no provérbio “Quando o gato sai, o rato sobe na mesa” há uma história que é compreendida a partir de nossa capacidade mental parabólica: tomamos a história contida no provérbio (história fonte) e a projetamos na história que queremos construir (história alvo). Desse modo, “Quando o gato sai, o rato sobe na mesa”, dito em um escritório, pode ser projetado em uma história de chefe e funcionários; se for em sala de aula, estará projetando uma história de professor e alunos; e, assim, sucessivamente.

Pelo mesmo processo de projeção, a linguagem estrutura redes de construções no léxico e na gramática. Para Turner, uma história abstrata básica é projetada para criar um tipo básico de estrutura gramatical (uma sentença, uma palavra derivada, por exemplo). Dessa forma, os elementos presentes na parábola – atores, objetos, eventos, ação – vão se manifestar nas construções sintáticas, como projeções integradas de funções (sujeitos e objetos) e/ou papéis (agentes, instrumentos, temas, pacientes...).

1.2 A mesclagem

A habilidade humana de manipular redes de mapeamentos entre domínios faculta o emergir de novas significações. Grande parte desse poder criativo da mente é visto como resultado de uma operação cognitiva genérica que implica múltiplas projeções e integra diferentes domínios, denominada **mesclagem** (SALOMÃO, 1999).

Tal processamento implica a seguinte configuração básica: dois domínios de conhecimento (*Inputs* 1 e 2); um terceiro domínio, *espaço genérico*, que reflete as estruturas dos dois *inputs*, definindo a correspondência entre esses espaços; e um quarto domínio, *espaço mescla*, que combina propriedades de ambos *inputs*, mas apresenta propriedades originais e estrutura própria, em sua estrutura emergente (FAUCONNIER, 1997, p.149-185; MIRANDA, 2000, p.71-82). (Figura 1)

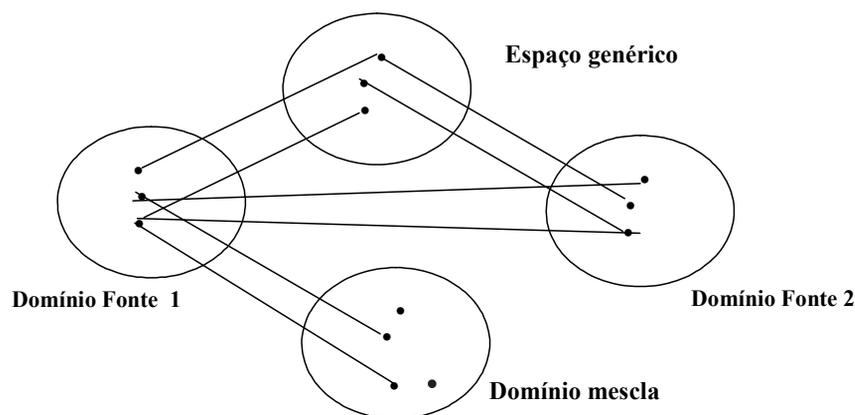


Figura 1: Diagrama do processo de mesclagem

No processo cognitivo da mesclagem, são integrados domínios diferentes, como: conhecimento lingüístico (léxico e gramática), cultural, enciclopédico,

social, de símbolos, etc. As diferentes molduras ou enquadres contextuais definidas por *eventos* (casamento, festa, aula, corrida de automóveis, etc.), *atividades* (dar um telefonema, enviar uma correspondência, esquiar, alimentar, dormir, comprar, etc.), *papéis sociais* (político, professor, jornalista, etc.), etc., operam, do mesmo modo que outros domínios de conhecimento, como fontes da mescla, evocando diferentes cenas que instituem o significado pragmaticamente relevante, projetável em cada instanciação.

Na linguagem, a mescla participa de uma habitual prática humana de construir significados, quando produzimos novos conceitos a partir de irradiações de outros já existentes.

1.3 A teoria da gramática das construções

Ao romper com a tradição formalista fortemente ancorada na suficiência do significante e no relevo da forma como objeto de análise, a Linguística Cognitiva insere em seu escopo, em posição central, a categoria da CONSTRUÇÃO, postulando, assim, um trato integrador da estrutura conceptual e formal.

A construção gramatical é uma unidade básica e singular da língua, definida nos termos de Lakoff (1987, p.467), como “*um par forma-sentido (F,S), onde F é um conjunto de condições da forma sintática e fonológica e S é um conjunto de condições de significado e uso*”. Nos termos de Goldberg (1995, p.4), “*C é uma construção se C é um par forma/sentido <Fi, Si> de forma que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não seja estritamente preditível das partes componentes da construção ou de outras construções previamente estabelecidas.*”

Como hipóteses básicas, a GC subscreve as seguintes premissas:

- I. a *continuidade essencial* entre léxico e gramática;
- II. a *indissociabilidade* entre Semântica e Pragmática;
- III. o *caráter gerativo* da gramática redefinido pelos princípios de motivação e herança;
- IV. a *monoestratalidade* da gramática - um único estrato analítico para léxico e gramática em sua constituição sintático-semântico-pragmática.

Goldberg (1995), em consistente estudo nessa linhagem, descreve construções básicas do Inglês, constituídas a partir da associação entre *uma estrutura argumental básica e uma cena dinâmica, básica à experiência humana*. Um exemplo seria a construção *movimento causado* (X CAUSAR Y MUDAR Z). Segundo a autora, a integração verbo-construção se dá a partir da análise das combinações particulares de *papéis* que designam cenas humanamente relevantes e que são associados com a *construção de estrutura argumental*. A natureza do significado verbal é descrita em termos de papéis dos participantes que se distinguem dos papéis associados à construção, os argumentais, como no exemplo (1), Figuras 2 e 3.

- (1) Quem corre, cansa.

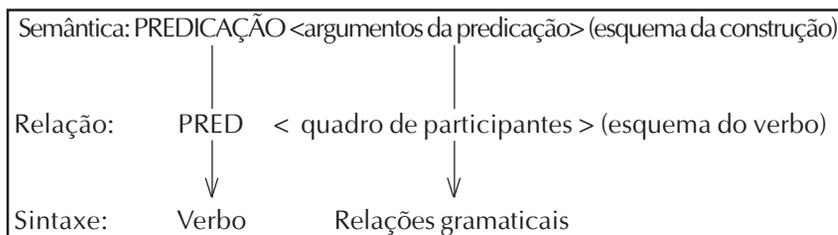


Figura 2: Fusão abstrata dos esquemas verbo-construção

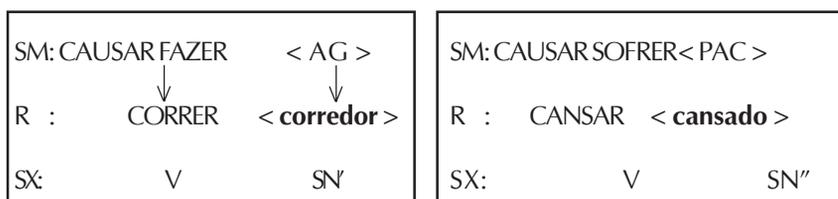


Figura 3: Fusão de papéis na construção proverbial *Quem corre cansa.*

Goldeberg (1995) postula que as construções constituem uma **rede** organizada por **relações de herança** que **motivam** as propriedades das construções.

As relações de **motivação**, sintáticas e semântico-pragmáticas, podem ser capturadas a partir da identificação de “*links de herança*” (*links* por instanciação, por subparte, metafóricos, polissêmicos), os quais possibilitarão a determinação das diferenças e das semelhanças entre construções relacionadas, i.e., entre REDES. Na presente análise, destacamos o *link por instanciação* (L₁), pelo qual uma construção é motivada por outra construção, ou por outras construções, numa múltipla herança.

1.3.1 As construções e a mesclagem

À luz da Teoria dos Espaços Mentais e, mais especificamente, a partir de um de seus constructos teóricos mais importantes - o conceito de mesclagem - a Gramática das Construções vem ganhando um trato mais processual. Assim, a noção de *fusão* dos pares de forma/sentido (GOLDBERG, 1995), ainda marcadamente estrutural, cede lugar à processualidade da integração, em mescla, de domínios múltiplos na constituição de uma rede de construções (TURNER (1996), MANDELBLIT (1997) e SALOMÃO (1999, 2002, 2003)).

Mandelblit (1997) assume que “o processo de *integração lingüística* ocorre em paralelo ao processo de *integração conceptual*”. Salomão (2002, 2003) enfatiza o contexto e a mesclagem como imprescindíveis para explicar e interpretar, principalmente, as construções inéditas.

A GC, portanto, agrega **composicionalidade** e **multidirecionalidade** sob o princípio cognitivo da *mescla*. Nesse enquadre, “a *composicionalidade*, posta em termos de princípios de composição substantivos é preservada e vista como

parte do processo genérico de integração lingüística, não como o seu todo". (MIRANDA, 2003)

Construções condicionais proverbiais: uma abordagem sociocognitiva da questão da composicionalidade

2 Construções condicionais universais proverbiais – uma análise sociocognitiva

Conforme assinalado, do ponto de vista da GC, as construções são concebidas como unidades básicas de uma língua, sendo, portanto, centrais à sua descrição. Considerando, ainda, a dinamicidade do sistema lingüístico, promovida pela competência lingüística criativa do falante, a GC postula a existência de redes de construções organizadas por relações de herança. Nesse enquadre, a hipótese básica condutora do presente estudo consiste no seguinte conjunto de afirmações:

- i. A Língua Portuguesa dispõe de um imenso repertório de construções.
- ii. Dentre essas, encontra-se a *construção proverbial*, articulada a uma rede de construções com graus distintos de idiomaticidade.
- iii. Os provérbios são construções situadas no topo da escala de idiomaticidade.

Nossa tarefa analítica consiste, portanto, em evidenciar a existência de uma rede de construções proverbiais, cuja singularidade descritiva passamos a apresentar na seqüência.

O exame de um conjunto de provérbios tornou evidente, em sua estrutura, a escolha de uma configuração sintático-semântica predominante: a construção condicional [x P, Q], motivadora desta ampla e complexa rede de construções proverbiais:

[SeP,Q]	(1) "Se o camelo não ajoelhasse, ninguém lhe punha carga em cima"
[QuemP,Q]	(2) "Quem com porcos se mistura, farelo come"
[O queP,Q]	(3) "O que vem de baixo não me atinge"
[Tudo queP,Q]	(4) "Tudo que cai na rede é peixe"
[QuandoP,Q]	(5) "Quando a esmola é demais, o santo desconfia"
[Aquele queP,Q]	(6) "Aquele que dá passadas muito largas não pode andar"

Dentre esse conjunto de construções condicionais proverbiais, a condicional universal [Quem P, Q] tornou-se nosso objeto de investigação, pela sua produtividade.

Neste estudo é postulada, para a semântica da condicionalidade configurada sintaticamente em [Quem P, Q], uma REDE DE CONSTRUÇÕES que pode ser configurada nos seguintes níveis: *idiomas abertos*, *idiomas semi-abertos* e *idiomas formulaicos*.

(A) **Idiomas abertos:** construções genéricas da rede, sem traços de idiomaticidade:

- (8) *Quem é demitido por justa causa, tem direito a 40% do saldo do FGTS.*

(B) **Idiomas semi-abertos:** construções proverbiais não cristalizadas, criadas no dia-a-dia, com base na estrutura proverbial. Trazem traços de idiomaticidade.

(9) “*Quem bate cartão, não vota em patrão*”

(C) **Idiomas formulaicos:** são provérbios já cristalizados na comunidade de fala. São marcados por traços idiomáticos.

(10) *Quem semeia vento, colhe tempestade.*

2.1 A construção condicional universal genérica – idioma aberto

Os idiomas abertos identificam a estrutura sintática regular do conjunto das condicionais. Como condicional, a construção universal se estrutura através de orações casadas como *prótase* e *apódose*. A *prótase* é tópico e desempenha a função sintática de sujeito (**construção condicional subjetiva**). A *prótase* expressa uma condição para o resultado expresso na *apódose*. Assim, há uma relação de **implicação** entre as partes, presente na condicional [Quem P, Q], que define um duplo foco na construção, i. e., na causa e no efeito. Outro traço lingüístico é a não restrição ao modo verbal.

Para a LC, no processo de produção-interpretação, a forma lingüística orienta a interpretação realizada pelo falante/ouvinte. No processamento do sentido das condicionais universais, a orientação decorre do uso do quantificador ⁽¹⁾universal *quem*. Nos termos de Mateus (1989), as operações que respondem pelos valores referenciais de uma totalidade de elementos em um conjunto são operações de quantificação universal.

O quantificador *quem* é um Construtor de EM (assim como: *se, qualquer,...*) e, como tal, o instanciador da operação de relação entre *prótase/apódose* a que Fauconnier (1997) denomina **matching**, uma operação de dois EM interligados, em que o espaço Fundação (F) implica o espaço Expansão (E). Nas condicionais universais em estudo, tal operação instancia o esquema genérico [Quem P, Q]. (Figura 4)

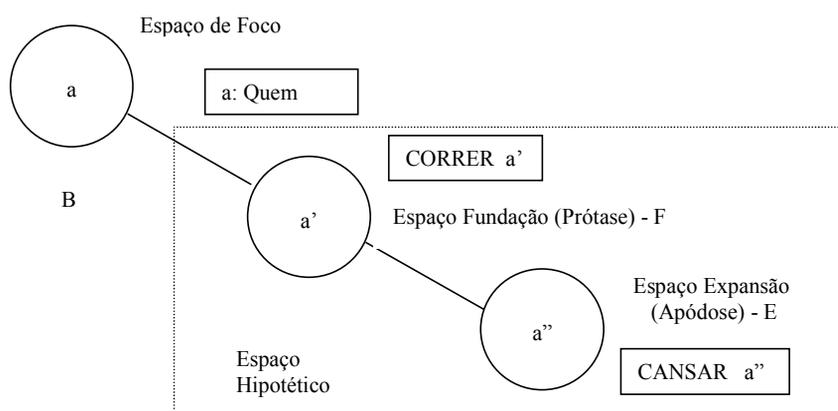


Figura 4: Operação de *matching* (Quem corre cansa)

Na configuração, há um mundo real (base B) e um mundo hipotético: no espaço mental de hipótese (F - E), qualquer pessoa que *agir* (Ex.: “*Quem corre...*”) irá *causar* um efeito sobre alguém (geralmente ela mesma. Ex.: “*...cansa*”).

Do ponto de vista pragmático, as condicionais universais cumprem a **função de informar**, podendo, ainda, ser utilizadas para influenciar o comportamento do receptor. Isso nos permite formular a hipótese de que as construções condicionais subjetivas genéricas exerçam tanto a **função assertiva** quanto a **diretiva**.

2.1.1 A relação de herança na construção condicional universal subjetiva genérica

A construção condicional universal subjetiva genérica se origina de uma múltipla herança (*links* por instanciação), tendo como construções dominantes a **construção sujeito-predicado genérica** e a **construção condicional canônica genérica**. O pronome “quem”, construtor do EM de hipótese, é instanciado, conferindo à construção o caráter de generalização. Esse processo é uma mesclagem de diversas configurações sintático-semânticas de construções específicas, para gerar uma construção genérica. (Figura 5)

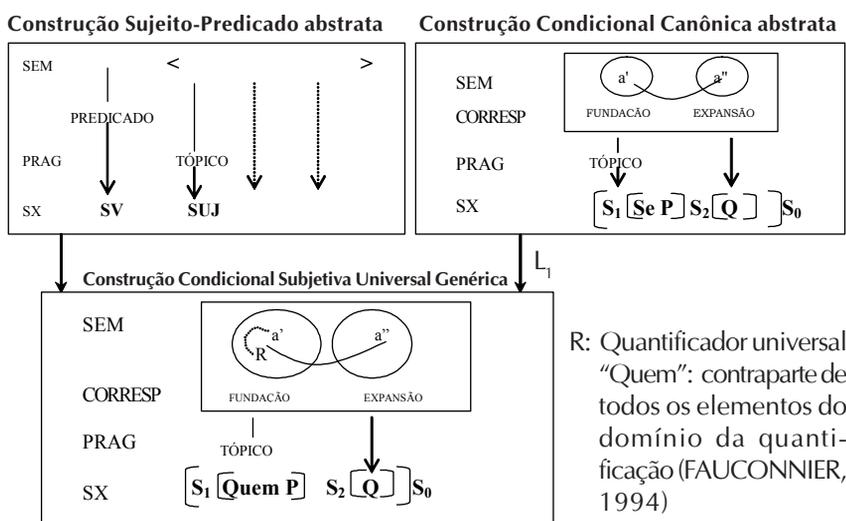


Figura 5: Relação de motivação e herança

2.2 As construções condicionais universais proverbiais: idiomas formulaicos

A construção condicional proverbial se diferencia da genérica pelos **pontos de idiomaticidade**, que são marcas formais, semânticas, pragmáticas e prosódicas, definidoras da estrutura formulaica. Nas construções em questão tais marcas são: *estrutura formular*, *estrutura semântica* e *prosódica binomial* (*rima*, *aliteração*, *métrica*, *antítese* e *paralelismo*), *uso prototípico do tempo verbal*: *presente*, *objetivo comunicativo*, *função projetiva* e *diretiva*. Esses aspectos se conjugam na constituição dos provérbios como um poderoso recurso mnemônico.

As construções condicionais universais, genéricas e proverbiais, se diferenciam, prototipicamente, pelos atos de fala. As genéricas são tanto **assertivas** quanto **diretivas**, enquanto as proverbiais são, por excelência, **diretivas**.

Na perspectiva de Ferrari (2001), o uso do presente do indicativo sinaliza o caráter factual do espaço condicional, assinalando uma postura epistêmica positiva do falante. O caráter factual sinalizado pelo presente constitui imposição de força no discurso já que o falante se vale dessa forma verbal para predizer, enquanto tenciona aconselhar ou avaliar.

Se por um lado, o tempo verbal presente instaura uma imposição de força, acentuando o caráter impositivo do enunciado (função diretiva), por outro lado, a escolha da construção proverbial, pode ser ainda um recurso de atenuação discursiva, uma estratégia de modalização. Conforme Miranda (2000), a modalidade revela-se como um instrumento lingüístico usado pelo falante para **gerenciar o drama interativo**. No drama, escolher o que (como) falar é crucial para que o falante atinja o objetivo no processo comunicativo. É através do poder projetivo que o provérbio cumpre sua função comunicativa e se constitui como uma importante estratégia discursiva.

O caráter marcadamente projetivo, parabólico (cf. seção 1.2.) é outro traço relevante dessa construção. O significado de um provérbio será instanciado numa situação em que os constituintes da história fonte (provérbio) encontram suas contrapartes na história alvo (uma nova situação no mundo real). Se a cada nova situação, há uma nova significação, o uso do provérbio desde a antigüidade é mais uma evidência do poder projetivo da mente e não da “simplicidade” (ou mesmo do “primitivismo”) dessa construção formular que demonstra ser, ainda em nosso tempo, uma poderosa estratégia gramatical para as práticas diretivas da linguagem.

2.2.1 A construção condicional universal proverbial intransitiva – um exemplo

Na presente seção, tomamos a **construção intransitiva** básica, afirmativa na prótase e na apódose, como foco analítico. Como exemplo, procedemos à descrição formal e conceptual de **Quem corre, cansa**, pelo processo cognitivo de mesclagem que lhe dá origem.

Nos termos de Mandelblit (1997), o **Input 1** corresponde à seqüência de eventos no mundo: *Alguém corre* (causa) e *fica cansado* (efeito). Os participantes dos eventos e as atividades ou relações, concebidos no mundo são identificados com papéis semânticos, tais como: *agente* e *paciente*; ou predicado, como: *agir* ou *afetar*. O agente é identificado como “Quem”; o paciente – o mesmo agente – tem identificação zerada.

No **Input 2**, há uma caracterização abstrata da construção proverbial, com estrutura sintática e estrutura semântica conceptual associada com esta sintaxe. As funções semânticas da construção – Input 1 – são associadas às funções gramaticais na estrutura sintática [[SN' V] SN' V]; a ação é associada com o espaço do verbo da estrutura sintática (V). As setas descrevem o mapeamento entre as duas estruturas.

Neste exemplo, o **esquema genérico** é uma representação abstrata da construção condicional universal subjetiva proverbial com seus traços

idiomáticos. No espaço mescla, temos a forma lingüística real “Quem corre, cansa”, resultado da integração da estrutura conceptual e dos itens lexicais do Input 1 (evento) com a estrutura sintática do Input 2 (construção). (Figura 6).

Construções condicionais proverbiais: uma abordagem sociocognitiva da questão da composicionalidade

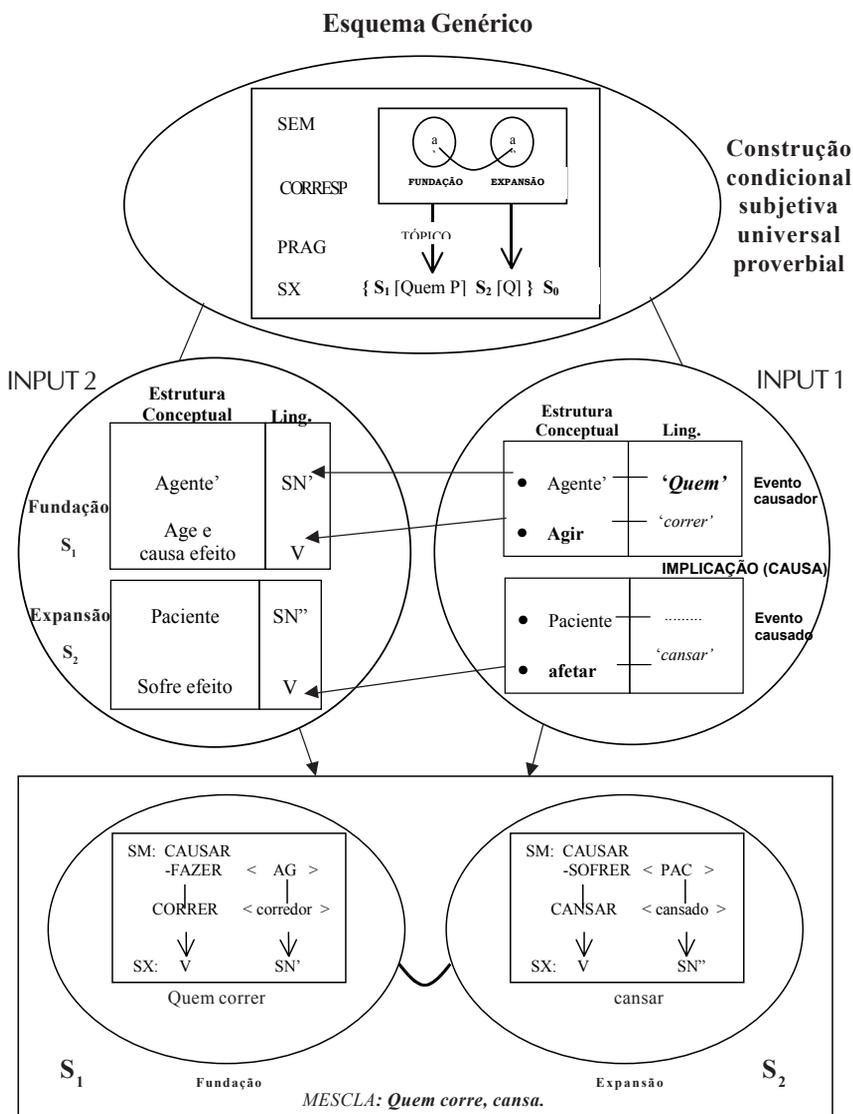


Figura 6: Operação de mesclagem subjacente à geração da construção

A dimensão parabólica dessa construção proverbial vai implicar ainda uma projeção metafórica, não representada no diagrama acima. É assim que, pela metáfora conceptual VIDA É PERCURSO (MARTINS, 1999), projetamos *Quem corre, cansa*, estabelecendo uma correspondência entre a atividade – deslocamento em um caminho – e a experiência – a atitude adotada diante da vida. Num CAMINHO, história fonte, um INDIVÍDUO pode deslocar-se de

forma normal ou acelerada. Na VIDA, história alvo, um INDIVÍDUO pode agir precipitadamente (CORRER) e não ser bem sucedido, tornando-se frustrado (CANSAR).

3 A (re)criação dos provérbios: os idiomas semi-abertos e as desconstruções

O caráter de analisabilidade e regularidade das construções proverbiais permite que sejam (re) criadas pelos sujeitos, com diferentes propósitos comunicativos aqui denominados como *função conservadora* ou *função inovadora*.

Na *função conservadora*, em termos sociológicos, o falante usa a recriação para beneficiar-se do objetivo comunicativo do provérbio, qual seja, o de praticar ações diretivas como: avaliar, aconselhar, avisar, etc. Em termos lingüísticos, o falante ao (re)criar provérbios está beneficiando-se da estrutura formulaica do mesmo.

Como ilustração, estão destacados dois *slogans* criados a partir da construção condicional universal proverbial [Quem P, Q]:

(11) “*Quem bate cartão, não vota em patrão*” – Slogan político

(12) “*Quem quer grife, tem de pagar*” – Declaração em que o falante atribui o significado de *querer grife* a querer orientação de um renomado orientador de pesquisa acadêmica.

Tais construções proverbiais podem ser temporárias, podendo esmaecer rapidamente, uma vez cessada a situação comunicativa motivadora. Entretanto, podem ser projetados em diversas outras situações, construindo novas significações. “*Quem quer grife, tem de pagar*”, por exemplo, pode ser projetado em quaisquer situações em que alguém interessado no melhor produto ou serviço seja obrigado a despendar maiores valores, ou ter de aguardar o atendimento desejado, ou submeter-se a exigências, ou outras.

Nos termos de Lysardo-Dias (2001, p.32), um enunciado se institui como provérbio ao desligar-se da autoria individual e circunstância específica, passando a representar um consenso coletivo e cristalizando-se na comunidade. Assim, tanto *slogans* (enunciado apelativo veiculado no intuito de promover uma ação) quanto máximas (enunciado de caráter opinativo, individual) podem tornar-se provérbios.

A fórmula é, para o falante, um sinal de proverbialidade. Contudo, esse sinal por si só não garante a fixação, numa cultura, de uma construção como verdade universal. Os fatores que se somam para definir essa condição são primordialmente socioculturais. Tais fatores são definidos na aceitação e repetição de um ensino ou verdade, resultando em transmissão e conservação de um patrimônio lingüístico cultural.

Enquanto o autor de uma construção proverbial – na função conservadora – se beneficia da fórmula e do objetivo comunicativo do provérbio, para influenciar seu ouvinte e levá-lo a *crer* no conteúdo dessa construção inédita; a recriação do provérbio, com função inovadora, procura, através, principalmente,

do humor, levá-lo a *reavaliar* o provérbio, para conscientizar-se de que sua verdade é relativa ou que pode até mesmo não conter verdade alguma, como ocorre em: “*Quem espera nunca alcança*” (música *Bom Conselho* de Chico Buarque); “*Quem tem boca vai a Roma ou a Sodoma*” (José Paulo Paes).

O fato é que o caráter produtivo dessas construções, o seu elo dentro de uma ampla rede de construções condicionais, desmente a natureza “cristalizada ou morta” atribuída aos provérbios e aos idiomas em geral.

Considerações finais

A relevância do estudo das construções condicionais universais proverbiais, na perspectiva da Teoria da Gramática das Construções e da Hipótese Sociocognitiva de Linguagem, está em inserir o trato dos idiomas em teorias que buscam descrever e explicar a integração conceptual e estrutural das construções lingüísticas, emprestando ao princípio da composicionalidade uma nova visão.

Nessa perspectiva teórica, em que a significação é vista como construção processual, os idiomatismos deixam de ser vistos simplesmente como expressões não-composicionais periféricas ao sistema. Deslocados da periferia para o centro da cena teórica, é possível apontar-lhes a regularidade, a produtividade e a analisabilidade que os define nas redes de construções a que se vinculam.

Por este tratamento conferido às construções condicionais universais proverbiais, foi possível identificar a rede de construções a que os idiomas proverbiais se vinculam por elos de motivação e herança. Das construções mais genéricas (construções condicionais universais subjetivas genéricas) às mais especificadas (construções condicionais universais proverbiais), os traços sintáticos, semânticos e pragmáticos que as configuram se distinguem em uma escala de idiomaticidade. Tal investigação permitiu delinear, ainda que de modo preliminar, a seguinte configuração **abstrata** dessa rede de construções:

- (i) A rede das construções condicionais universais do tipo [Quem P, Q] tem como núcleos principais dominantes a Construção sujeito-predicado e a Construção condicional canônica, responsáveis pela sua configuração básica;
- (ii) Configuradas em *matching*, tais construções apresentam orações casadas, tendo a prótase (S_1) a função de sujeito (oração subjetiva) e a apódose (S_2), de predicado;
- (iii) A quantificação universal presente na rede é estabelecida por um operador lexicalmente preenchido (“Quem”), construtor de EMs de hipótese ou contrafactualidade;
- (iv) A construção condicional universal proverbial é instanciada a partir dessa múltipla herança, acrescida de pontos idiomáticos próprios.

Quanto aos pontos idiomáticos, definidores das construções proverbiais em questão, o seguinte delineamento pôde ser proposto: são construções formulaicas estruturadas a partir de um traço binomial prosódico e/ou semântico, do traço prototípico do presente, da função projetiva e do traço pragmático prototípico como ato diretivo.

This study describes the network of universal conditional constructions like [Who P, Q], explaining it from the cognitive principle of blending, capable of joining heritages of multiple constructions. Besides, it discusses the productivity of proverbial universal conditional constructions.

Keywords: Idiomaticity; Compositionality; Proverbial construction; Projection; Blending.

Notas

- ¹ Este artigo provém de minha dissertação de Mestrado em Lingüística, "Construções condicionais universais proverbiais: uma abordagem sociocognitiva", defendida em julho de 2003, na UFJF, sob orientação da Professora Dra. Neusa Salim Miranda, da UFJF.

Referências bibliográficas

CLARK, Herbert H. Uso da linguagem. In.: GARCEZ, P. (Org.). Tradução: AZEVEDO, N. O.; GARCEZ, P. M..Porto. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n.9, p. 49-69, jan./mar. 2000 [1996].

FAUCONNIER, G. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

———. *Mappings in thought and language*. Cambridge: University Press, 1997.

FERRARI, L. *Modalidade, condicionalidade e mesclagem no Português do Brasil*. Projeto integrado de pesquisa UFJF/CNPq, 2001. (inédito)

GOFFMAN, E. Footing. In.: RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P. (Orgs). *Sociolingüística Interacional. Antropologia, Lingüística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998 [1979], p.70-97.

———. *A elaboração da face*. In.: RUSSO, J. (Org). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980 [1967], p. 76-114 .

GOLDBERG, A. *A Construction Grammar Approach to Argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GUMPERZ, J. Convenções de Contextualização. In.: RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P. (Orgs). *Sociolingüística Interacional. Antropologia, Lingüística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE. 1998 [1982], p. 98-119.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago, 1987.

———, e JOHNSON, M. *Methaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago, 1980.

LYSARDO-DIAS, Dylia. *Provérbios que são notícia – uma análise discursiva*. 2001 Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

MANDELBLIT, Nili. *Grammatical Blending: Creative and Schematic Aspects in Sentence Processing and Translation*. Ph.D. dissertation, UC San Diego, 1997.

MARTINS, H. *Metáfora e polissemia no estudo das línguas do mundo: uma aproximação não representacionista*. 1999, 188 p. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

MATEUS, M.H.M. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 1989.

MIRANDA, N. S. *A configuração das arenas comunicativas no discurso institucional: professores versus professores*. 2000. 196f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais. 2000.

_____. *Tópicos Avançados de Gramática e Cognição*. In.: Grupo de Pesquisa Gramática e Cognição. UFJF, 2003.

SALOMÃO, M. M. M. *O Processo Cognitivo de Mesclagem na Análise Lingüística do Discurso. Projeto Integrado de Pesquisa (CNPq)*, 1999.

_____. *Tópicos Avançados de Gramática e Cognição*. In.: Grupo de Pesquisa Gramática e Cognição. UFJF, 2002.

_____. *Construções no português do Brasil: integração conceptual na sintaxe e no léxico*. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2003.

TURNER, M. *The literary mind*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1996.